



ESCOLA DE APERFEIÇOAMENTO DE OFICIAIS

CAP CAV DIOGO TRÄSEL BERNARDES

**O SOLDADO COMO VETOR DE INTELIGÊNCIA:
O USO DO ELEMENTO DE COMBATE NA FASE DE OBTENÇÃO DO
CONHECIMENTO**

**Rio de Janeiro
2017**



ESCOLA DE APERFEIÇOAMENTO DE OFICIAIS

CAP CAV DIOGO TRÄSEL BERNARDES

**O SOLDADO COMO VETOR DE INTELIGÊNCIA:
O USO DO ELEMENTO DE COMBATE NA FASE DE OBTENÇÃO DO
CONHECIMENTO**

Trabalho acadêmico apresentado à
Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais,
como requisito para a especialização
em Ciências Militares com ênfase em
Doutrina Militar Terrestre

**Rio de Janeiro
2017**



**MINISTÉRIO DA DEFESA
EXÉRCITO BRASILEIRO
DECEx - DESMii
ESCOLA DE APERFEIÇOAMENTO DE OFICIAIS
(EsAO/1919)**

DIVISÃO DE ENSINO / SEÇÃO DE PÓS-GRADUAÇÃO

FOLHA DE APROVAÇÃO

Autor: Cap Cav DIOGO TRÄSEL BERNARDES

**Título: O SOLDADO COMO VETOR DE INTELIGÊNCIA: O USO DO
ELEMENTO DE COMBATE NA FASE DE OBTENÇÃO DO CONHECIMENTO**

Trabalho Acadêmico, apresentado à Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais, como requisito parcial para a obtenção da especialização em Ciências Militares, com ênfase em Doutrina Militar Terrestre, pós-graduação universitária lato sensu.

APROVADO EM _____ / _____ / _____ CONCEITO: _____

BANCA EXAMINADORA

Membro	Menção Atribuída
LUCIANO LARRI CHAMORRA QUEVEDO – Ten Cel Cmt Curso e Presidente da Comissão	
THIAGO CARON DA SILVA - Maj 1º Membro e Orientador	
SÉRGIO GUEDES FERREIRA – Cap 2º Membro	

DIOGO TRÄSEL BERNARDES – Cap
Aluno

**O SOLDADO COMO VETOR DE INTELIGÊNCIA:
O USO DO ELEMENTO DE COMBATE NA FASE DE OBTENÇÃO DO
CONHECIMENTO**

Diogo Träsel Bernardes*
Thiago Caron da Silva**

RESUMO

O presente artigo pretende identificar o emprego do soldado como vetor de inteligência compondo pequenas frações durante o patrulhamento de vias, especialmente em locais com urbanização descontrolada, em um contexto de Operações de Apoio a Órgãos Governamentais, com foco em Garantia da Lei e da Ordem. Como parâmetro para esse estudo foram utilizadas as operações de pacificação denominadas Arcanjo e São Francisco, desencadeadas nos últimos anos na cidade do Rio de Janeiro/RJ. Por se tratar de um assunto relativamente novo no que diz respeito a emprego de tropas nesse tipo de operação, a doutrina ainda não está consolidada, devendo ser feito o uso de fundamentos e princípios atinentes a operações de caráter convencional, como Ofensivas e Defensivas. Como conclusão, pode-se perceber a grande capacidade que existe para o ciclo de inteligência a observação de cada elemento componente da patrulha, porém a falta de instrução causada pela premissa de tempo existente no desencadear das operações, causa inicialmente a perda de informações, tanto na observação, quanto na transmissão através de um relatório de patrulha. Como contribuição, foi apresentado um modelo de Relatório de Patrulha com os itens básicos que podem interessar ao ciclo de inteligência e que por ventura auxilie no processo da tomada de decisão pelo comandante da operação.

Palavras-chave: Combate urbano. Operações de Pacificação. Inteligência. Soldado.

ABSTRACT

This article intends to identify the soldier's use as intelligence vector composing small fractions during the patrolling of roads, especially in places with uncontrolled urbanization, in a context of Operations of Support to Government Organs, focusing on Law and Order Guarantee. As a parameter for this study were used the pacification operations called Arcanjo and São Francisco, triggered in recent years in the city of Rio de Janeiro / RJ. Since this is a relatively new matter regarding the use of troops in this type of operation, the doctrine is not yet consolidated, and it must be made use of fundamentals and principles pertaining to conventional operations, such as Offensive and Defensive. As a conclusion, one can see the great capacity that exists for the intelligence cycle of observation of each element of the patrol, but the lack of instruction caused by the premise of time in the beginning of the operations, initially causes the loss of information, both Observation, and transmission through a patrol report. As a contribution, a model of the Patrol Report was presented with the basic items that may be of interest to the intelligence cycle and that may assist in the decision-making process by the operation commander.

Keywords: Urban combat. Pacification Operations. Intelligence. Soldier.

* Capitão da Arma de Cavalaria. Bacharel em Ciências Militares pela Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN) em 2007.

*** Major da Arma de Cavalaria. Bacharel em Ciências Militares pela Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN) em 2003. Pós-graduado em Ciências Militares pela Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais (AMAN) em 2013.

1 INTRODUÇÃO

Desde os primórdios da civilização são travadas batalhas pelos mais diversos motivos, os vencedores eram escolhidos entre aqueles que souberam utilizar melhor os seus meios. Para utilizar corretamente os meios o comandante deve possuir a maior quantidade possível de informações sobre o inimigo.

Na busca por esses dados, não somente elementos especializados podem ser empregados para a sua aquisição, na maioria das vezes o soldado que está em contato direto com a força oponente, tem melhores condições de adquiri-los, o que pode vir a guiar o comando a tomar um novo rumo na operação.

Na atualidade, houve uma migração dos combates travados em terrenos abertos e sem a presença da população civil, para regiões com maior concentração populacional, e com visão limitada do terreno pela tropa. Essa mudança do combate convencional para o combate urbano causou uma grande mudança na maneira de planejar a ação, sendo necessário um maior detalhamento das ações a serem realizadas pela tropa.

Para que a tropa tenha os detalhes sobre o terreno e o inimigo, há a necessidade de levantamentos especializados desses dados, o que pode ser realizado pela inteligência. Porém, esses elementos não conseguem estar em todos os locais de interesse a todo o momento, quem está lá é a tropa, que pode presenciar no local os acontecimentos e transmitir para o escalão superior informações que podem auxiliar na tomada de decisão do comandante.

1.1 PROBLEMA

Existem elementos especializados em operações de inteligência em diversos comandos da Força Terrestre, porém esses homens não são os únicos vetores da produção do conhecimento.

Os elementos do corpo de tropa podem e devem alimentar as agências de inteligência de seus comandos com dados que somente o soldado que está em contato direto com a força oponente poderia adquirir.

No sentido de verificar se o militar empregado em Operações de Apoio a Órgãos Governamentais tem a capacidade de alimentar o ciclo de inteligência, na fase de obtenção de dados dentro do processo de apoio a decisão do comando enquadrante, foi formulado o seguinte problema:

Atualmente, o militar empregado em Operações de Apoio a Órgãos

Governamentais pode ser instruído a obter dados relevantes para o uso do ciclo de inteligência, que venham a auxiliar no processo de tomada de decisão do comandante?

1.2 OBJETIVOS

A fim de determinar as necessidades de preparo do soldado como mais uma possibilidade de aquisição de conhecimento, o presente estudo pretende analisar a capacidade do soldado não-especializado em inteligência como um vetor na obtenção de conhecimento nas Operações de Apoio a Órgãos Governamentais.

Para viabilizar a consecução do objetivo geral de estudo, foram formulados os objetivos específicos, abaixo relacionados, que permitiram o encadeamento lógico do raciocínio descritivo apresentado neste estudo:

a. Identificar o uso do soldado em Operações de Apoio a Órgãos Governamentais como um elemento no processo de obtenção do conhecimento;

b. Descrever, a partir da avaliação feita por militares que assumiram função de chefe da 2ª Seção nos contingentes das forças de pacificação na cidade do Rio de Janeiro/RJ, a qualidade dos relatórios apresentados referente a dados de inteligência relevantes para a operação;

c. Identificar no ambiente operacional urbano, principalmente no que tange a parte cultural da população, características que possam influenciar durante as operações e que afetem a maneira de operar do soldado;

d. Formular um modelo de relatório de patrulha que abranja a maioria dos elementos essenciais de inteligência em Operações de Apoio a Órgãos Governamentais, para que possa ser transmitido com maior precisão o que foi observado na sua zona de ação durante os patrulhamentos.

1.3 JUSTIFICATIVAS E CONTRIBUIÇÕES

A partir do levantamento das características do ambiente operacional urbano, fica visível a sua maior complexidade em relação ao ambiente operacional do combate convencional, para isso deve-se ter um maior fluxo de dados, principalmente durante a operação;

Sendo o combatente, que integra os diversos pelotões da tropa empregada na linha de frente, o primeiro a entrar em contato com novas situações, é de extrema

importância que ele saiba como lidar com novos fatos, e principalmente informar com exatidão o que foi presenciado.

É de vital importância que o militar que está na linha de frente atente para os impactos e reflexos que um erro de avaliação da situação possa causar, não somente à sua integridade física, mas também à operação que está em curso, bem como à imagem futura e atual da Força.

Nesse sentido, o presente estudo se justifica por promover uma pesquisa a respeito de um tema atual e de suma importância para o emprego do Exército Brasileiro tendo em vista a crescente demanda dos órgãos públicos pela intervenção das Forças Armadas em assuntos de Segurança Pública.

O trabalho pretende, ainda, fornecer conhecimento para cada vez mais instruir tropas a operarem em ambiente urbano, haja visto que não existe doutrina consolidada sobre o assunto no âmbito da Força Terrestre.

2 METODOLOGIA

Para colher subsídios que permitissem formular uma possível solução para o problema, o delineamento desta pesquisa contemplou leitura analítica e fichamento das fontes, entrevistas com especialistas, argumentação e discussão de resultados.

Quanto à forma de abordagem do problema, utilizaram-se, principalmente, os conceitos de pesquisa **qualitativa**, pois as referências obtidas por meio das entrevistas foram fundamentais para a compreensão da situação atual da percepção que o soldado possui na obtenção de dados relevantes ao ciclo de inteligência.

Quanto ao objetivo geral, foi empregada a modalidade **exploratória**, tendo em vista o pouco conhecimento disponível, notadamente escrito, acerca do tema, o que exigiu uma familiarização inicial, materializada pelas pesquisas bibliográficas existentes e seguida de entrevistas com militares que possuem cursos na área e vivência profissional relevante sobre o assunto.

2.1 REVISÃO DE LITERATURA

Iniciamos o delineamento da pesquisa com a definição de termos e conceitos, a fim de viabilizar a solução do problema desta, sendo baseada em uma revisão de literatura no período de 1994 a 2016. Essa delimitação deu-se na necessidade de verificar a doutrina de outros países que já possuem experiências com o assunto, passando pelo emprego de forças de pacificação na cidade do Rio de Janeiro/RJ,

entre 2010 e 2015, culminando com a edição de manuais, sobre o tema, no ano de 2016.

Foram utilizadas as palavras-chave pacificação, Op Arcanjo, Op São Francisco, soldado de inteligência, combate, urbano, juntamente com seus correlatos em inglês e espanhol, na base de dados RedeBIE, em sítios eletrônicos de procura na internet, biblioteca de monografias da Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais (EsAO), sendo selecionados apenas os artigos em português, inglês e espanhol. O sistema de busca foi complementado pela coleta manual de relatórios de exercícios militares, bem como de manuais de campanha referentes ao tema, do EB, dos EUA e do Canadá.

Quanto ao tipo de operação militar, a revisão de literatura limitou-se a operações de não-guerra, com enfoque majoritário nas participações das Forças Armadas nos Complexos do Alemão, Penha e Maré.

a. Critério de inclusão:

- Estudos publicados em português, espanhol ou inglês, relacionados as condições da tropa (não especializada) de adquirir dados relevantes de inteligência;

b. Critério de exclusão:

- Estudos que dão como enfoque apenas no produto, e não como foi obtido.

2.2 COLETA DE DADOS

Na sequência do aprofundamento teórico a respeito do assunto, o delineamento da pesquisa contemplou a coleta de dados por entrevistas exploratórias.

2.2.1 Entrevistas

Com a finalidade de ampliar o conhecimento teórico e identificar experiências relevantes, foram realizadas entrevistas exploratórias com 03 (três) especialistas na área de inteligência, a fim de preservar o seu sigilo profissional, não serão citados nomes.

Os entrevistados são oficiais do Exército Brasileiro com Cursos na Escola de Inteligência Militar do Exército (EsIME), e comandaram Órgãos de Inteligência nos mais diversos locais do Brasil. Eles também assumiram a função de Oficiais de Inteligência nos mais diversos contingentes das Operações Arcanjo e São

Francisco, além de alguns também fazerem parte da célula de Inteligência na MINUSTAH (Haiti).

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 A EVOLUÇÃO DO COMBATE URBANO

A evolução dos combates que presenciamos desde o fim da Segunda Guerra Mundial, nos remetem a conflitos do tipo não-convencional, no qual há uma participação, cada vez maior, de atores não-estatais mesclados com a população, que acabam por aproveitar das limitações legais que as tropas oficiais estão submetidas. Esse novo teatro de operações impõe as tropas utilizar de alguns artifícios para conseguir operar de forma mais vantajosa.

O mundo está em um período de urbanização maciça. Uma tendência de migração de áreas rurais para áreas urbanas está ocorrendo em todo o mundo. Esta tendência é especialmente evidente nos países em desenvolvimento. Combinado com o crescimento exponencial da população global no último quarto de século, essa migração criou áreas urbanas maciças que mantêm os centros de população, governo e economia em suas respectivas regiões. [...]. Em muitos casos, a rápida urbanização sobrecarregou infra-estruturas fracas, recursos escassos e uma base econômica frágil. Dada a população global, as forças do Exército provavelmente realizarão operações nas áreas urbanas e em torno delas, não como uma questão de destino, mas como uma escolha deliberada ligada aos objetivos e estratégias nacionais e em um momento, lugar e método de escolha do comandante. (EUA, 2006b, p. 1-2, **tradução do autor**)

Jackson (2007, p. 37) inicia o seu artigo falando exatamente desse aspecto, onde os atores não-estatais se aproveitam de sua condição para sustentar uma campanha contra o Estado. O nosso caso é um pouco diferente do citado por Jackson, pois ele descreve o combate entre o Exército Britânico e o Exército da Republica

Irlandesa (Irish Republican Army – IRA), que buscava através de ações terroristas uma maneira de separar-se do Reino Unido. No contexto de Operações de Apoio a Órgãos Governamentais vivido nas Operações Arcanjo e São Francisco, na cidade do Rio de Janeiro/RJ, a semelhança é encontrada não nas motivações dos atores não-estatais, mas sim no tipo de ambiente operacional.

3.2 A INTELIGÊNCIA NO APOIO A DECISÃO

É nesse novo ambiente operacional, que a inteligência se torna mais

necessária, pois é cada vez mais importante obter dados sobre o inimigo e o terreno para um melhor planejamento da operação.

No contexto do conflito contra insurretos, a inteligência fornece a visão estratégica necessária para se conhecer quais razões serão efetivas e qual o nível de enfrentamento ideal (JACKSON, 2007, p. 38).

Jackson (2007, p. 38) relata que no início do conflito contra o IRA a precariedade nas operações de inteligência eram o principal problema desse enfrentamento. Quando foram estruturadas de uma melhor maneira essas atividades, os resultados começaram a aparecer.

A atividade de inteligência em um contexto de Operações de Apoio a Órgãos Governamentais se torna essencial para o sucesso da missão.

A totalidade da experiência britânica na área de inteligência na Irlanda do Norte, tanto no que se refere ao sucesso quanto ao desafio, tornaram num exemplo tão valioso, realçando-se suas operações no contexto de combates contra insurretos na atualidade. [...]. Em função da capacidade de adaptação dos grupos de insurretos e das especificidades do local de atuação, toda operação contra insurretos demanda um período de adaptação do componente militar e das organizações de inteligência. As unidades devem adaptar-se para o combate, aplicar os instrumentos corretos para a coleta e análise de inteligência e usá-la efetivamente contra os insurretos. A experiência britânica oferece lições em todas essas áreas (JACKSON, 2007, p. 39).

O Manual EB20-MC-10.207 Inteligência (2015, p. 4-1) cita que o ciclo de inteligência é o responsável por alimentar a função de combate inteligência, e envolve todos os integrantes da Força. O Ciclo é formado por quatro fases: orientação, obtenção, produção e difusão.



Figura 1 - Ciclo de Inteligência
Fonte: EB20-MC-10.207- Inteligência

A obtenção é uma das fases do ciclo de inteligência a qual pode-se incluir dados da maioria das fontes, e prevê que todos os integrantes da Força Terrestre fazem parte deste ciclo.

Todo integrante da Força Terrestre deve ter uma elevada consciência de inteligência que o motive a comunicar ao seu comandante imediato os fatos e as circunstâncias observadas relativas ao oponente, ao terreno e ao ambiente operacional que considere importante para o cumprimento da missão ou que possam contribuir para a segurança da Força. Dessa forma, todo militar é um potencial agente de obtenção de dados e de informações. (BRASIL. 2015a, p. 4-4)

3.3 A INTELIGÊNCIA EM OPERAÇÕES DE APOIO A ÓRGÃOS GOVERNAMENTAIS

Nessa abordagem em que consideramos as Operações Arcanjo (2010-12) e São Francisco (2014-15) realizadas na cidade do Rio de Janeiro/RJ, podemos tratá-las não somente como Operações de Apoio a Órgãos Governamentais, mas também como Operações de Pacificação. Essas operações eram chamadas nos meios de comunicação como forças de pacificação, além de também possuírem características que podiam defini-las como Operações de Pacificação.

As Operações de Pacificação compreendem o emprego do poder militar na defesa dos interesses nacionais, em locais restritos e determinados, por meio de uma combinação de atitudes coercitivas limitadas para restaurar ou manter a ordem pública ou a paz social, ameaçadas por grave e iminente instabilidade institucional ou atingidas por calamidades de grandes proporções, provocadas pela natureza ou não; e de ações construtivas para apoiar esforços de estabilização, de reconstrução, de restauração e/ou de consolidação da paz. (BRASIL. 2015b, p. 1-3)

Dentre as principais características que podemos elencar no manual EB20-MC-10.217 Operações de Pacificação podemos citar: ações descentralizadas, ações táticas com consequências estratégicas, ambiente complexo, amplitude e continuidade de Inteligência e contato permanente com a população. Existem muitas outras, porém essas acabam por justificar um emprego diferenciado e mais incisivo da função de combate Inteligência.

Neste tipo de operação militar, o comando operativo necessita de produtos e conhecimentos elaborados pela função de combate inteligência, decorrentes da realização do PITCIC, com maior grau de detalhamento, de forma que seja capaz de identificar modos de influir de forma efetiva no comportamento da população local. A identificação da ameaça, o profundo

conhecimento do terreno e do clima, e os aspectos humanos, são fundamentais neste tipo de operação. O desconhecimento dos costumes, da cultura e dos líderes políticos ou religiosos, pode provocar o fracasso da missão. (BRASIL. 2015a, p. 5-5)

O PITCIC, Processo de Integração Terreno, Condições Meteorológicas, Inimigo e Considerações Civis, é uma ferramenta de grande valia para a consecução dos objetivos de inteligência em qualquer tipo de operação. Nas Operações de Pacificação ganha um maior destaque pois o fator população (considerações civis) acaba muitas vezes por ser o centro de gravidade da operação o que em outros tipos de operações talvez não fosse o principal fator de decisão.

O Processo de Integração Terreno, Condições Meteorológicas, Inimigo e Considerações Civis (PITCIC) é um processo cíclico de caráter gráfico que permite, mediante análise integrada, a visualização de como o terreno, as condições meteorológicas e as considerações civis condicionam as próprias operações e as do inimigo, fornecendo dados reais e efetivos para auxiliar a tomada de decisões adequadas. (BRASIL. 2016, p. 5-1)

Como trata o manual EB70-MC10.307 Planejamento e Emprego da Inteligência Militar (2016, p. 5-3), a identificação da ameaça, juntamente com o conhecimento detalhado do terreno, alinhado com as condições meteorológicas e os hábitos, costumes, cultura, lideranças locais constituem tarefas essenciais para o trabalho da função Inteligência. Proporcionando em operações com grande presença de civis a chance de identificar a maneira de melhor influir no comportamento da população para que ela venha a colaborar com as forças estatais ali empregadas.

3.4 OS FATORES DE INTERESSE PARA A TOMADA DE DECISÃO

O PITCIC acaba por resumir os fatores que são importantes que sejam levantados pela Inteligência em operações. Porém não somente elementos especializados devem fazê-lo, as tropas regulares com instrução também podem, e muito, auxiliar nessa coleta de dados sobre o Inimigo, o Terreno, as Considerações Civis, e até mesmo as Condições Meteorológicas, pois são elas que durante os patrulhamentos travam um contato mais aproximado com fatos que podem alimentar o processo.

De onde vem à força das operações de inteligência nos menores escalões? A principal fonte são as forças de segurança que fazem a atividade de observação e interação com a população (JACKSON, 2007, p. 41).

Dos quatro componentes do PITCIC, dois deles acabam por se tornarem de maior importância em Operações de Pacificação: o terreno e as considerações civis.

O terreno no ambiente urbanizado deixa de possuir apenas duas dimensões e acaba por se tornar tridimensional, onde além da superfície as ameaças podem vir também do subterrâneo, como bueiros e porões, e da parte superior de prédios e construções, uma inovação em relação ao combate clássico (superfície e componentes aéreos).

Forças amigas e adversas podem conduzir operações em um ambiente tridimensional. Os combates podem ocorrer na superfície, abaixo dela e sobre construções do ambiente urbano. Adicionalmente, os combates podem ocorrer dentro ou fora de construções. Em construções com vários segmentos apresentam a possibilidade de possuir na mesma estrutura pessoal amigo e inimigo. (EUA, 2002, p. 1-14, **tradução do autor**)

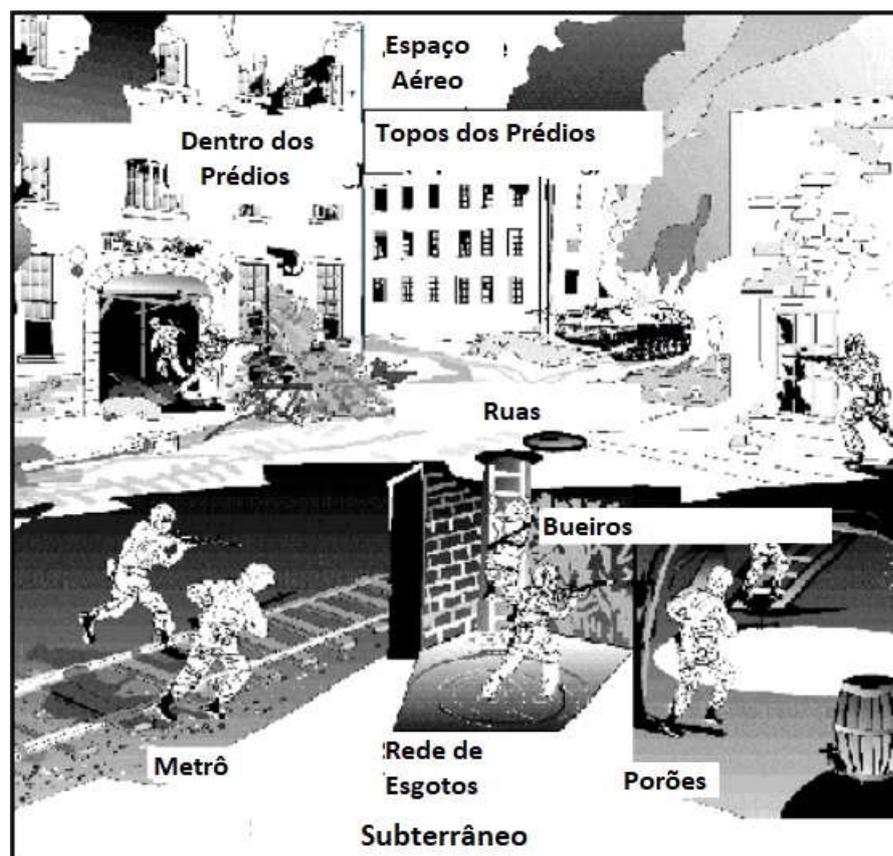


Figura 2 – O ambiente operacional urbano
 Fonte: EUA, 2002, p. 1-16, tradução do autor.

As condições meteorológicas é um fator que atua integrado ao terreno para determinar os efeitos que esses dois terão sobre as operações tanto da força amiga quanto da força inimiga.

Vários pontos devem ser observados em relação às considerações civis, onde a importância em conhecer os hábitos e costumes dos habitantes locais acaba por ser decisivo em uma operação, pois criando uma certa confiança da população com a tropa, dados antes negados podem fluir através do contato direto com o soldado em patrulha.

Para a obtenção de dados relativos a este fator, devem-se analisar atitudes e atividades da população, instituições e lideranças civis, opinião pública, meio ambiente, infraestrutura construída pelo homem, agências nacionais e internacionais, governamentais ou não (BRASIL. 2016, p. 5-4).

Países com experiência nesse assunto reconhecem a importância de possuir a população a seu favor, vindo a facilitar a consecução dos seus objetivos.

Os soldados devem ser educados sobre os tipos de questões que podem ofender os habitantes locais. Por exemplo, um gesto que pode ser inocente para os americanos pode insultar profundamente os habitantes locais. (ESTADOS UNIDOS DA AMERICA. 2002, p.1-21, **tradução do autor**)

A operação contra insurretos deve se estender também aos ouvidos dos observadores da área e da população como um todo para obtenção de informações sobre onde se escondem os insurretos. Conforme a população se desloca em suas atividades diárias, ela certamente observa atividades e ouve informações que possuem um valor incalculável para as forças de segurança (JACKSON, 2007, p. 42).

Acerca do fator inimigo podemos fazer algumas considerações. Uma delas é a não pertinência da definição do oponente como sendo o inimigo, mas sim como forças adversas, pois na maioria dos casos se apresentam como nacionais que não estão necessariamente contra o Estado, mas sim realizando atividades contra as leis em vigor, o que ocorre no caso brasileiro de emprego das forças armadas nas Operações de Apoio a Órgãos Governamentais.

As forças adversas nesse tipo de operação, principalmente nas Operações São Francisco e Arcanjo, caracterizam-se por facções criminosas que se desenvolveram mescladas aos costumes e características das comunidades que atuavam, e especializaram-se, principalmente, nas atividades de narcotráfico e contrabando de armas.

Por possuírem um longo histórico como moradores dessas comunidades, os integrantes dessas facções, acabam por intimidar os moradores da região pela possibilidade de atentar contra a integridade física destes, pois acabam por tornar-se

um poder paralelo dentro da comunidade, onde o poder do Estado não possui grande influência, ou até mesmo não está presente.

3.5 O SOLDADO COMO VETOR DE INTELIGÊNCIA

Pela inteligência se tratar de um ramo em que o trabalho é realizado por pessoal especializado, não seria desejável que em Operações de Pacificação, como as realizadas no Rio de Janeiro/RJ, os integrantes das forças de pacificação fossem sem o mínimo de instrução a respeito do assunto, pois não teria condições de empregar apenas pessoal especializado. Nesse tipo de operação a inteligência é mais requisitada que em outros. Além disso, um novo dado que influenciaria nos rumos da operação pode estar passando a poucos metros das tropas em patrulha, o que não pode ser desprezado. O manual de Operações de Pacificação menciona uma preparação prévia para todo o soldado atuar como um vetor de inteligência em prol da operação.

As Operações de Pacificação requerem uma adequada preparação das forças militares que serão empregadas, com ênfase em instruções que desenvolvam a autossuficiência, a flexibilidade, a criatividade, a iniciativa, o conhecimento da cultura local e o trabalho cooperativo com governo e sociedade (BRASIL. 2015b, p. 5-16).

Mesmo com essa previsão não foi exatamente o que ocorreu no início da Operação Arcanjo, pois a premissa de tempo e a falta de experiência nesse tipo de operação acabavam por forçar a tropa a operar sem o mínimo de instrução que pudesse alimentar com qualidade o ciclo de inteligência. Esse fato não comprometeria como um todo a missão, mas acabaria por causar um maior reatardo nos resultados esperados.

Durante as entrevistas, pode-se perceber, que nos primeiros contingentes da Operação Arcanjo, não existia nenhum tipo de instrução prévia, o que foi sendo corrigido com o passar dos contingentes dessa Força de Pacificação. Já na Operação São Francisco, esse fato não ocorreu, pois já existia uma experiência anterior, o que facilitou muito na parte de obtenção de dados, e principalmente na capacidade de transmitir com exatidão, através de relatórios, o que era presenciado.

Foi visto que o problema não era exatamente a falta de instrução, pois o soldado dos mais diversos cantos do país acaba por possuir uma mentalidade de observar os detalhes, talvez por frutos das instruções comuns a todos nos períodos de instruções durante a sua formação, ou até mesmo na prática do dia-a-dia nos

serviços de escala de suas unidades. O problema se encontrava principalmente na hora de transmitir através de relatórios o que realmente foi observado.

Outro fato importante observado durante as entrevistas, foi o aumento da consciência de inteligência da tropa, provavelmente causado por lições aprendidas dos contingentes anteriores, bem como o maior tempo de preparo para assumir a missão.

Uma experiência tirada pelo Exército Britânico em seu confronto com o IRA, foi de que o soldado é uma peça importante para a coleta de informação.

A coleta direta de informações nos menores escalões das forças de segurança confia nos olhos e ouvidos de toda a sua tropa e não apenas nos da força de inteligência [...] essa estratégia usa da capacidade individual de se observar as atividades normais em sua área de patrulha, e assim, aplicar sua própria avaliação para identificar as atividades que precisam ser acompanhadas de perto. Considerando que os insurretos e terroristas se misturam com a população, estar familiarizado com as atividades normais da população permite que se identifique quando existe alguma alteração com as ações de insurretos (JACKSON, 2007, p. 41).

O Exército Americano também cita em sua base doutrinária a necessidade de considerar o elemento de patrulha como fonte de inteligência.

As forças americanas têm muitas oportunidades de interagir com a população local no curso de suas funções durante as operações. Esta fonte talvez seja o recurso de coleta de inteligência mais subutilizado. Algumas forças como patrulhas de combate e reconhecimento, são rotineiramente encarregadas de relatar o que foi levantado. Outras, como equipes médicas ou engenheiros que têm um amplo contato com a população local, também devem ser empregadas (ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA. 2006a, p. 5-5, **tradução do autor**).

Ao perceber durante as entrevistas que, no nosso caso, o maior problema não seria o preparo do soldado para servir de vetor de inteligência, mas sim o despreparo deste em saber transmitir ao escalão superior o que realmente foi observado, acaba por se alinhar com as experiências dos dois exércitos utilizados como exemplo durante essa pesquisa, onde a patrulha se encerra somente após relatar o que foi observado durante o patrulhamento propriamente dito.

Os britânicos confiavam plenamente nas reuniões para as críticas após as realizações das patrulhas (debriefing), buscando coletar informações e montar o quebra-cabeça do conflito com base nas informações obtidas pela

inteligência. Em “O Exército Britânico no Ulster”, David Barzilay escreveu – “Uma patrulha não pode nunca terminar na porta de entrada da base. Devemos pegar uma xícara de chá, um cigarro e ir para um ambiente relaxado, quando, então, a patrulha vai escrever cada aspecto de informação relevante para ser repassado para a seção de inteligência da companhia” (JACKSON, 2007, p. 42).

Todo membro da tropa é uma fonte potencial para a coleta de dados de inteligência. A tropa frequentemente tem contato com a ameaça, com a população civil ou com o meio ambiente. Embora muitos indivíduos relatem suas informações na forma de informações de combate, muitos não relatam a informação, não percebem sua importância ou não sabem como reportar as informações importantes que presenciaram. (ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA, 2006a, p.5-8, **tradução do autor**).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quanto às questões de estudo e objetivos propostos no início deste trabalho, conclui-se que a presente investigação atendeu ao pretendido, observando a maior necessidade de instruir os elementos de combate, não somente a buscar os dados de inteligência, mas também aprender a relatar o que foi observado.

A revisão de literatura possibilitou concluir que em outros exércitos é de relevante importância o uso de cada indivíduo integrante de uma operação, como vetor de inteligência, relegando a elementos especializados a busca de dados mais fortemente protegidos.

Nas entrevistas realizadas, pode-se concluir que com o transcorrer das operações a consciência da busca de dados relevantes à inteligência acaba por aumentar devido a lições aprendidas, o que também ocorre com operações que possuam características semelhantes e venham a ocorrer algum tempo depois.

Dessa forma, entende-se existir a necessidade de ministrar instruções prévias a todos os elementos de que comporão uma força de pacificação, de preferência com assuntos padronizados a todos os contingentes dessa mesma força, que abranja conteúdos onde o soldado seja sensibilizado a observar situações que para um leigo poderiam passar despercebido, mas que para ele deve tornar-se algo normal de acompanhar.

Nessas instruções, deve-se apresentar assuntos como: hábitos e costumes da população, atitudes suspeitas de elementos, fotos e/ou características de líderes,

condições de ruas, obstáculos, configuração das construções da área e as situações climáticas que alteram o terreno. Essas instruções visam a dar embasamento teórico ao soldado, para que ao se deparar com qualquer fato relativo a esses assuntos ele possa dar a devida importância para o mesmo.

Ainda, nessas instruções, deve-se apresentar e orientar o preenchimento de um relatório de patrulha que possua todos os assuntos citados acima, buscando a maior clareza possível nos dados observados, para que em seguida a célula de inteligência possa processar e agregar ao ciclo de inteligência as informações relevantes.

Conclui-se, portanto, que é de grande importância o uso do soldado como vetor de inteligência em Operações de Apoio a Órgãos Governamentais, porém para isso ele deve receber instruções preparatórias para que lhe seja apresentado as necessidades de conhecimento do escalão superior. Também deve ser instruído a transmitir o que é observado da maneira mais clara possível, evitando a transmissão de dados errados ou com julgamentos prévios, o que pode vir a causar erro de avaliação.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Defesa. Estado-Maior Conjunto das Forças Armadas. **MD33-M-10: Garantia da Lei e da Ordem**. 2. ed. Brasília, DF, 2014a.

_____. Exército. Estado-Maior do Exército. **EB20-MC-10.207: Inteligência**. 1. ed. Brasília, DF, 2015a.

_____. _____. _____. **EB20-MC-10.217: Operações de Pacificação**. Brasília. 2015b.

_____. _____. _____. **EB70-MC10.307: Planejamento e Emprego da Inteligência Militar**. 1. ed. Brasília, DF, 2016.

_____. _____. _____. **EB20-MF-10.102: Doutrina Militar Terrestre**. 1. ed. Brasília, DF, 2014b.

_____. _____. _____. **EB20-MF-10.103: Operações**, Brasília, 2014c.

_____. _____. _____. **EB20-MF-10.107: Inteligência Militar Terrestre**. 2. ed. Brasília, DF, 2015c.

DO AMOR, Frederico C. Salóes. **As forças de operações especiais em Operações de Apoio a Órgãos Governamentais: O emprego das equipes de caçadores de operações especiais em apoio à força-tarefa de operações especiais das forças de pacificação no ambiente urbano**. 2015.192 f. Dissertação (Mestrado) – Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais, EsAO, Rio de Janeiro, 2015.

ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA. Headquarters, Department of the Army. **FM 2-0: Intelligence**. Washington, DC, 2004.

_____. _____. _____. **FM 2-22-3 Human Intelligence Collector Operations**. Washington DC. 2006a.

_____. _____. _____. **FM 3-06.11: Combined Arms Operations in Urban Terrain**. Washington DC. 2002.

_____. _____. _____. **FM 3-06 Urban Operations**. Washington DC. 2006b.

_____. _____. _____. **FM 34-130: Intelligence Preparation Of The Battlefield**. Washington, DC, 1994.

GOMES, Claudino C. **A companhia de fuzileiros na obtenção de dados de inteligência em operações de pacificação de comunidades controladas por forças adversas no contexto da garantia da lei e da ordem.** 2013. 283 f. Dissertação (Mestrado) – Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais, EsAO, Rio de Janeiro, 2013.

JACKSON, Brian A.. A inteligência contra os insurretos em uma guerra prolongada. A experiência britânica na Irlanda do Norte. **Military Review**, edição brasileira, p. 37-51, 4. bim. 2007.

MENDES, C. A. K. Considerações sobre a Força de Pacificação empregada no Rio de Janeiro. **Coleção Meira Mattos, revista das ciências militares.** v3, nº 27, 3º quadrimestre de 2012. ECEME: Rio de Janeiro.

ANEXO A – SOLUÇÃO PRÁTICA
MODELO DE RELATÓRIO DE PATRULHA

(Classificação Sigilosa)	
Cabeçalho	
Unidade:	SU:
Pel:	GC:
P/G e Nome do Cmt Patr:	
<p>Relate sucintamente os aspectos observados durante o período de patrulhamento realizado anteriormente. Busque descrever a maioria dos detalhes observados em cada tópico a seguir:</p>	
<p>1. POPULAÇÃO LOCAL</p>	
<p>a. Lideranças locais (política/religiosa/comunitária) – Nome, apelido, descrição física, locais que frequenta, padrão de vida, trabalho, envolvimento com as forças adversas, participação com ilícitos, aceitação da operação e preocupações com a comunidade:</p>	
<p>b. Problemas e necessidades – Condições de vida, reivindicações quanto a serviços públicos, pressões feitas pelas forças adversas (o que querem e qual ameaça), grau de confiança na Operação em andamento:</p>	
<p>c. Apoio às Forças Adversas – Ações realizadas em prol das Forças Adversas contra a patrulha (quem, o que, onde, como, motivação):</p>	
<p>d. Apoio à Operação de Pacificação (Morador/grupos/entidades) – Ações realizadas em favor da Força de Pacificação (quem, o que, onde, como, motivação):</p>	

e. Outros aspectos – Presença ou influência de nacionais/estrangeiros na área e eventos públicos previstos para ocorrerem (o que, quando, onde, etc.), aspectos da cultura local que podem influenciar na operação:

2. FORÇAS ADVERSAS

a. Integrantes das forças adversas – Nome, apelido, descrição física, locais que frequenta, padrão de vida, área de domínio, influência local, pertence a qual organização criminosa, função exercida (líder, gerente, armeiro, segurança, etc.), possibilidades e limitações:

b. Locomoção – Qual integrante, meios utilizados para se deslocar dentro e fora da área de pacificação (carro, moto, bicicleta), descrever o meio usado, trajetos e locais vistos:

Locais de atividades ilícitas (vendas, armazenagem, paiol) – descrever a instalação, sua localização, vias de acesso e o que é realizado no local:

c. Integração de forças adversas com órgãos de segurança pública – Qual órgão, motivação, quem realizou o contato, atividades realizadas:

3. TERRENO

a. Vias de acesso – Ruas, becos, vielas que podem impedir a circulação de veículos (operacionais) em condições normais, sob mal tempo ou com intervenção das forças adversas (largura, comprimento, edificações próximas):

b. Vias de acesso – Locais que canalizam o fluxo dentro da área de operações:

c. Observação – Locais (morros, prédios) que possibilitem a observação de pontos que canalizem o fluxo dentro da área de operações:

d. Regiões de difícil acesso dentro da comunidade:

e. Itinerários e caminhos desenhados que facilitem a fuga ou evasão de forças adversas de um local pra outro dentro ou fora da área de operações:

f. Túneis, bueiros, redes de águas pluviais e de esgoto que facilitem o acesso ou fuga da área de operações:

4. OUTROS ASPECTOS

- Outros aspectos não contemplados acima que julgues de interesse para a operação:

(Classificação Sigilosa)

ANEXO A – SOLUÇÃO PRÁTICA
MODELO DE RELATÓRIO DE PATRULHA

(Classificação Sigilosa)	
Cabeçalho	
Unidade:	SU:
Pel:	GC:
P/G e Nome do Cmt Patr:	
<p>Relate sucintamente os aspectos observados durante o período de patrulhamento realizado anteriormente. Busque descrever a maioria dos detalhes observados em cada tópico a seguir:</p>	
<p>1. POPULAÇÃO LOCAL</p>	
<p>a. Lideranças locais (política/religiosa/comunitária) – Nome, apelido, descrição física, locais que frequenta, padrão de vida, trabalho, envolvimento com as forças adversas, participação com ilícitos, aceitação da operação e preocupações com a comunidade:</p>	
<p>b. Problemas e necessidades – Condições de vida, reivindicações quanto a serviços públicos, pressões feitas pelas forças adversas (o que querem e qual ameaça), grau de confiança na Operação em andamento:</p>	
<p>c. Apoio às Forças Adversas – Ações realizadas em prol das Forças Adversas contra a patrulha (quem, o que, onde, como, motivação):</p>	
<p>d. Apoio à Operação de Pacificação (Morador/grupos/entidades) – Ações realizadas em favor da Força de Pacificação (quem, o que, onde, como, motivação):</p>	
<p>e. Outros aspectos – Presença ou influência de nacionais/estrangeiros na área e eventos públicos previstos para ocorrerem (o que, quando, onde, etc.), aspectos da cultura local que podem influenciar na operação:</p>	

2. FORÇAS ADVERSAS

a. Integrantes das forças adversas – Nome, apelido, descrição física, locais que frequenta, padrão de vida, área de domínio, influência local, pertence a qual organização criminosa, função exercida (líder, gerente, armeiro, segurança, etc.), possibilidades e limitações:

b. Locomoção – Qual integrante, meios utilizados para se deslocar dentro e fora da área de pacificação (carro, moto, bicicleta), descrever o meio usado, trajetos e locais vistos:

Locais de atividades ilícitas (vendas, armazenagem, paiol) – descrever a instalação, sua localização, vias de acesso e o que é realizado no local:

c. Integração de forças adversas com órgãos de segurança pública – Qual órgão, motivação, quem realizou o contato, atividades realizadas:

3. TERRENO

a. Vias de acesso – Ruas, becos, vielas que podem impedir a circulação de veículos (operacionais) em condições normais, sob mal tempo ou com intervenção das forças adversas (largura, cumprimento, edificações próximas):

b. Vias de acesso – Locais que canalizam o fluxo dentro da área de operações:

c. Observação – Locais (morros, prédios) que possibilitem a observação de pontos que canalizem o fluxo dentro da área de operações:

d. Regiões de difícil acesso dentro da comunidade:

e. Itinerários e caminhos desenhados que facilitem a fuga ou evasão de forças adversas de um local pra outro dentro ou fora da área de operações:

f. Túneis, bueiros, redes de águas pluviais e de esgoto que facilitem o acesso ou fuga da área de operações:

4. OUTROS ASPECTOS

- Outros aspectos não contemplados acima que julgues de interesse para a operação:

(Classificação Sigilosa)